

GETÚLIO VARGAS NA FICÇÃO: LEITURAS COMPARADAS DE UM SUICÍDIO POLÍTICO¹

Tatiana Zismann²

Resumo: O propósito deste trabalho é refletir a respeito do suicídio do presidente brasileiro Getúlio Vargas tendo por base a análise comparada de três obras: *Quem matou Vargas* (Carlos Heitor Cony); *Getúlio Matou Allende: e outras novelas do poder* (Flávio Tavares), além de *O homem que matou Getúlio Vargas* (Jô Soares). Parte-se do princípio de que é na literatura que o suicídio de Getúlio Vargas ganha uma dimensão homicida, o que configura a natureza de sua morte e seu caráter político.

Palavras-chave: Suicídio; Getúlio Vargas; Literatura Comparada

Abstract: This paper undertakes an approach to the Brazilian president's suicide based on the comparative analysis of three works: *Quem matou Vargas* (Carlos Heitor Cony); *Getúlio Matou Allende: e outras novelas do poder* (Flávio Tavares) and *O homem que matou Getúlio Vargas* (Jô Soares). We depart from the assumption that it is in the literature where Getúlio Vargas' suicide gets a homicidal dimension, which configures the nature of his death and his political character.

Keywords: Suicide, Getúlio Vargas, Compared Literature

1. Introdução

O objetivo deste artigo é refletir, através de uma perspectiva comparada, acerca de algumas das representações literárias do suicídio do presidente brasileiro Getúlio Vargas (1882-1954), que, ao lado dos chilenos Manuel José de Balmaceda (1840-1891) e Salvador Allende (1908-1973), figura na galeria dos presidentes suicidas da América. As circunstâncias especiais que envolveram a morte de Getúlio Vargas possibilitaram à literatura desestabilizar a percepção desta morte como puramente suicida, a ponto de impingir-lhe uma natureza homicida, e, em uma interpretação ainda mais radical, converter, no caso da novela de Flávio Tavares, Getúlio Vargas no assassino de Salvador Allende.

¹ Este artigo é parte da tese intitulada *Getúlio Vargas em mundos de ficção: a persona histórica e seus múltiplos ficcionais*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

² Doutora em Literatura Comparada (UFRGS) e mestre em História (PUCRS). Professora de Relações Internacionais (ESPM Sul). E-mail: tatizismann@gmail.com.

O suicídio de Getúlio Vargas, fato inconteste no plano histórico³, é desestabilizado pela literatura. Dessa maneira, as obras aqui selecionadas convidam a interpretar a dimensão social possível de ser equalizada no suicídio do ex-presidente e ditador. A literatura busca entender – através de suas especificidades constitutivas (MIGNOLO, 1993) – a conjuntura em que se processou a crise política, buscando apontar os responsáveis por Getúlio Vargas haver puxado o gatilho do *Colt* calibre 32 contra o próprio peito na manhã de 24 de agosto de 1954, mês derradeiro de crise de um mandato para o qual Vargas fora democraticamente eleito em 1950, mas que experimentara, desde antes da posse, forte oposição, encabeçada pelo partido da UDN (União Democrática Nacional) (SILVA, 1978).

As negociações entre literatura e história, no tocante ao suicídio de Getúlio Vargas, fazem com que Jô Soares, em seu *Quem matou Getúlio Vargas*, reinvente a cena do suicídio forjando uma personagem anarquista que busca assassinar o presidente e ex-ditador. A leitura de Carlos Heitor Cony, na mesma linha da jornalista chilena Patricia Verdugo⁴, busca apontar quem eram os interessados na crise de agosto, desencadeada pelo atentado contra o jornalista Carlos Lacerda e que vitimara o Major Rubens Florentino Vaz no dia 05. Nas duas pequenas novelas que compõem a obra *O dia em que Getúlio matou Allende: e outras novelas do poder*, de Flávio Tavares, o suicídio do presidente o torna, como se demonstrará, no assassino de Salvador Allende.

³ Juremir Machado chama a atenção para o fértil imaginário social que fora nutrido após o trágico 24 de agosto, e fez eclodir diversos boatos de testemunhas da época que afirmavam que Vargas fora assassinado. O depoimento mais curioso nesse sentido é fornecido por Virgínia Lane, suposta amante de Getúlio, que reivindicou para si o papel de viúva-amante do presidente. Nas palavras de Virgínia, “eu estava no Palácio no dia 24. Todo o mundo estava no Palácio, e só não fui assassinada porque Gregório Fortunato me jogou por uma janela e eu pude escapar” (apud SILVA, 2005, p.178). Fato curiosíssimo, como lembra Juremir Machado (2005), uma vez que Gregório estava retido no Galeão por ocasião do crime da Rua Tonelero. Percebe-se, assim, como os resíduos da história, descartados da disciplina, por se tratarem de uma inverdade, podem servir de matéria ficcional, como é amostragem as obras aqui selecionadas. Para Boris Fausto (2006), é a carta do suicida, logo alcunhada de carta-testamento, que fizera descartar a hipótese do homicídio do presidente.

⁴ Na obra *Chile, 1973: como os EUA derrubaram Allende*, Patricia Verdugo, baseada em documentação referente à CIA (aberta recentemente à pesquisa) historia como os Estados Unidos da América, mediante o braço de sua Central de Inteligência, articulou o desbaratamento do projeto do presidente socialista Salvador Allende, que culminou no suicídio do mesmo em 11 de setembro de 1973, quando o palácio de *La moneda*, em Santiago, foi bombardeado e ocupado por tropas militares golpistas.

A investigação comparada das obras aqui analisadas permite observar como as mesmas expandem incrivelmente uma noção mais restrita do suicídio, entrevista na “morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (DURKHEIM, 2000, p.14), ao trazer para o âmago do mesmo outro sujeito social, o assassino, que faz do ato suicida perpetrado pelo presidente Vargas uma prática compreendida para além do ato puramente pessoal, problematizando-o em sua dimensão social sob diversos aspectos. As obras ora se aproximam, ora se apartam umas das outras quando comparadas na tarefa de compreender o significado da morte de Vargas. Como se observará, a honra, à exceção de Jô Soares, está presente nas interpretações, o que imputa um móbil importante para perspectivar a morte de Getúlio Vargas. Este artigo divide-se em quatro partes. Na primeira, se procede a uma apreciação de *O homem que matou Getúlio Vargas*, de Jô Soares, seguida da análise da obra de Carlos Heitor Cony, *Quem matou Vargas*. A terceira parte compreende a leitura de *O dia em que Getúlio matou Allende: e outras novelas do poder* de Flávio Tavares. Por último, apresentam-se as considerações finais.

2. O homem que matou Getúlio Vargas

No romance *O homem que matou Getúlio Vargas*, de Jô Soares, embora o título aponte explicitamente ao homicídio de Vargas, essa morte será de natureza especial, fronteira, compartilhada por duas personagens que se encontram frente a frente, por primeira e única vez, na cena do suicídio. Pergunta-se como, na trama de Jô Soares, o tiro disparado pelo dedo de um homicida busca vencer politicamente a Getúlio Vargas, que vence no campo da memória com sua morte, uma morte social. Na trama de Jô Soares, as fronteiras entre homicídio e suicídio mesclam-se num discurso ficcional que coloca, na cena do quarto de Vargas, Dimitri Borja Korosec, que vem a ser a personagem “que matou Getúlio Vargas”. Na recriação da cena do suicídio em Jô Soares, é o dedo de Dimitri que *suicidará* Getúlio Vargas.

A personagem anarquista Dimitri⁵ desembarca no Brasil em 1935, ano do levante comunista, firmemente imbuído do propósito de assassinar “o tirano” (SOARES, 1998). Dimitri, convertido em Demétrio quando de sua chegada ao Brasil (pode-se pensar na aclimatação da personagem como representativa das forças dos grupos internacionais aliados aos nacionais, “os descontentes de dentro”, que buscaram obstaculizar as conquistas nacionalistas do governo, conforme expresso na Carta testamento de Vargas) persegue Getúlio Vargas com o propósito de liquidá-lo em nome dos princípios libertários anarquistas.

A ação narrativa da trama, baseada nos manuscritos incompletos do anarquista, é suspensa entre março de 1943 e agosto de 1954, quando a personagem reaparece à cena com a oportunidade de concretizar seu plano, já em idade avançada, aos 57 anos, cansada e já quase desiludida por seus propósitos, tal qual Vargas que, conforme o zelador do Catete, Albino, “jamais vira Getúlio assim desgostoso, magoado com a traição que o cerca.” (SOARES, 1998, p.327).

Falhadas as tentativas do anarquista de eliminar Getúlio Vargas⁶, a biografia da personagem se esvazia com a retirada da cena política de Vargas em 1945 (ano da deposição do ditador). Em 51, Vargas voltou ao poder “nos braços do povo” como presidente democraticamente eleito. Três anos depois, Dimitri regressa de um passado incógnito (seu biógrafo não tem notícias do paradeiro de seu diário, fonte de sua biografia) nas asas da vingança.” (SOARES, 1998, p. 316). Sua volta se dá em agosto, mês derradeiro de 54, e, durante a reunião ministerial da madrugada de 24 de agosto, consegue

⁵ Dimitri Borja Korozec é filho de uma contorcionista brasileira de São Borja, Isabel Borja, filha de escrava da nação Bantu e de “pai desconhecido”, embora o narrador acabe por salientar, em conformidade com “os alcoviteiros maldizentes da cidade [que] juravam que a pequena mestiça era o fruto ilegítimo de um arroubo carnal do jovem tenente-coronel Manuel do Nascimento Vargas, posteriormente pai de Getúlio” (SOARES, 1998, p.17). É a linha materna que liga a biografia da personagem Dimitri, nascida nos Balcãs, ao Brasil e a Getúlio Vargas. É a mãe que lhe fornece a identidade da terra de fronteira gaúcha expressa no nome Borja, afinal, a mestiça filha do velho General Vargas, “recebe, no batismo, o nome de sua benfeitora [Princesa Isabel] e o da cidade onde nasceu” (SOARES, 1998, p.17).

⁶ A personagem participará do *Putsch* integralista em 1938; tentará sequestrar Benjamin Vargas (irmão de Getúlio); também se empregará como catador de pules com o propósito de assassinar o presidente com uma arma caseira em ocasião onde este está no *Gávea Golf Club* praticando seu esporte favorito (FAUSTO, 2006, p.86). Também será aproveitado ficcionalmente o acidente de automóvel que Getúlio sofrera no 1º de maio de 1942. Na trama, é Dimitri o provocador do acidente.

finalmente penetrar nos aposentos do velho “tirano” que para sua surpresa, inicia uma movimentação estranha de quem vai se suicidar.

“No inóspito do quarto de pobreza franciscana” (SOARES, 1998, p.330), o narrador pode ler os sentimentos mais íntimos vivenciados por Vargas naquela circunstância tão especial:

Pela primeira vez em sua vida, o hábil político de setenta e um anos [...] sente-se vencido. Existe apenas uma maneira de transformar a derrota em vitória. Ele coloca sobre a mesa-de-cabeceira um envelope branco e tira do bolso do pijama o Colt calibre 32 de carga dupla com cabo de madrepérola que o acompanha há anos. Contempla a arma perdido em pensamentos. (SOARES, 1998, p.330).

O assassino compreende que, se quer vencer em sua causa anarquista, deve impedir a morte heróica e, súbito, salta sobre o presidente:

– Vim impedir o teu suicídio.
– Por quê?
– Por que tu só morrerás permanecendo vivo. (SOARES, 1998, p. 331).

Na luta de corpos travada na “cama espartana” (SOARES, 1998, p. 332), o dedo do anarquista dispara e, “horripilado, Dimitri Borja Korozec conscientiza-se de que seu dedo acaba de suicidar Getúlio Dornelles Vargas.” (SOARES, 1998, p. 332)⁷. É possível pensar o *dedo que suicidou* Vargas como uma metonímia dos inúmeros detratores que encurralaram Getúlio Vargas buscando responsabilizá-lo pelo atentado de 5 de agosto. O tiro destinado a Lacerda fere mortalmente Vaz, acertando também Vargas pelas costas, como este afirmara ao receber a notícia da morte do oficial da Aeronáutica responsável pela segurança do jornalista udenista. A manutenção da ordem institucional – como exigira Vargas na reunião ministerial da madrugada do dia 24 – estabelecida como condição de sua licença do cargo presidencial é lograda pelo suicídio, cuja arma é sustentada por um assassino oculto, espécie de síntese, como a metonímia do dedo está a apontar, daqueles que não enfrentaram Vargas de frente conforme este expressara em sua carta-testamento. É pensando nesses

⁷ O dedo metonímico que suicida Getúlio Vargas em Jô Soares, através do anarquista, formado em práticas assassinas na “Skola Atentadora” (nome bastante condizente com sua função principal que era atentar contra o presidente), simboliza a presença das forças que buscaram implacavelmente vencer a Vargas até o último momento, no qual Vargas vence com sua morte. Para concluir, é preciso sublinhar que o dedo suicida de Jô Soares é um dedo arrependido que subitamente compreendera que seria preciso manter Getúlio Vargas vivo para combatê-lo.

muitos assassinos (os interessados na destituição de Vargas) do suicida que Carlos Heitor Cony lança, em 1967, 20 anos antes de Jô Soares, a obra que indaga: *Quem matou Vargas?*⁸

Antes de escapar, uma vez que terceiros já se dirigiam aos aposentos ao ouvir o tiro, o anarquista, movido por uma “curiosidade quase mórbida” (SOARES, 1998, p. 333), remexe uma folha dobrada junto à mesa de cabeceira onde pode ler um dos principais documentos da história política contemporânea: “serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.” (SOARES, 1998, p.333).

3. QUEM MATOU VARGAS

A interpretação de Carlos Heitor Cony está no bojo das visões conspiratórias referidas por Boris Fausto (2006). As escolhas narrativas – e hermenêuticas – empreendidas por Cony: “procurei interpretar a sua vida sob a luz de um farol retrospectivo que ilumina todo o passado: a sua morte” (CONY, 2004, p.10), fazem a narrativa retroceder de 54 (contado num contexto imediatamente pós-64) a eventos mais antigos da vida de Vargas. Dessa maneira, “jogando esse foco de luz para trás fui buscá-lo [a Getúlio Vargas] na infância, na adolescência, na faculdade, em todas as etapas de sua vida” (CONY, 2004, p.10). A morte, assim, ilumina o homem que a executara enchendo-o de sentido. E esse homem gostava de ser interpretado⁹.

⁸ Em Juremir Machado, que escreveu o romance biográfico *Getúlio*, o suicídio também ganha foros de homicídio, ainda que de maneira bastante rápida: “na Rua do Catete, as pessoas, subitamente despertas, caem de joelhos e choram pelo presidente ‘assassinado’” (SILVA, 2004, p. 362). O suicídio de Vargas assim, também em Juremir, está na fronteira entre a morte auto-impingida e a morte homicida.

⁹ Getúlio Vargas nutriu um extenso imaginário sobre a sua personalidade considerada poliédrica. A máxima, a ele atribuída, “gosto mais de ser interpretado do que me interpretar” abre a publicação de *O Diário*, compilação de escritos presentes em pequenos cadernos escritos a lápis e mantidos entre 1930 e 1945 (VARGAS, 1995). Conforme Maria Celina D’Araujo, não se trata de um diário íntimo, embora se encontrem várias passagens privadas da vida do estadista. Os cadernos foram guardados secretamente por Alzira Vargas do Amaral Peixoto e, depois da morte desta, em 1992, foram publicados com a permissão da neta de Getúlio, Celina Vargas do Amaral Peixoto (D’ARAÚJO, 2004, p. 296). Para Maria Celina D’Araújo, a escrita autor-referencial “não era para Getúlio um recurso para lidar com dilemas existenciais de ordem pessoal ou íntima.” (D’ARAÚJO, p. 295). É no *Diário* que se pode ler, já em 3 de outubro de 1930 (data em que Vargas inicia suas anotações), referências à possibilidade de vir a lançar mão do suicídio como saída honrosa ao malogro de ações de embate como em 1930, 1932 ou outros momentos agudos de crise.

Cony, em sua *interpretação*¹⁰, dissocia o homem Getúlio e o estadista Vargas (1974, 2004). Dessa maneira, ao indagar sobre a responsabilidade da morte de Vargas, Cony construirá, baseado em testemunhos e pesquisa documental, uma *interpretação* bastante original do evento da Tonelero sem, todavia, alienar o homem “Getúlio” da interpretação do suicídio.

A dissociação operada por Cony entre Vargas, estadista, e Getúlio, homem, é suplantada com a morte que unirá, num mesmo “braço”, os dois domínios da personagem na interpretação de Cony, especialmente no último capítulo da obra, intitulado *A vida e a história*, iniciado à zero hora do dia 24, com Getúlio recolhido “no quarto quase monástico do terceiro andar do Palácio do Catete” (CONY, 2004, p. 229), tendo por companhia a sua solidão, que “sempre lhe fez bem, sempre lhe ensinou fortaleza, generosidade e resignação. Por isso, ele não sofre. Apenas aguarda sua hora.” (CONY, 2004, p. 229). A personagem “pressente que nas próximas horas terá de tomar a decisão mais importante de sua vida, pontilhada já, e bastante, de momentos cruéis – ou mais cruéis que aquele.” (CONY, 2004, p. 229).

No esforço de articular vida e história de Getúlio Vargas, Carlos Heitor Cony articula uma autorrepresentação de Vargas, segundo a qual a sua “solução pessoal – tragicamente pessoal – de há muito habitava a sua carne à espera do momento – ou da circunstância – para iluminar as trevas, densas e últimas, que desciam sobre a sua vida pública” (CONY, 2004, p. 230), assim,

adivinava que os acontecimentos, agora, cobravam-lhe um gesto de audácia que só poderia ser compreendido pelo homem Getúlio Vargas. O hábil político que governara o país, esse já estava derrotado, não pela crise em que o país e o governo viviam, mas pelo desencanto pessoal do homem que erguia e sustentava o político (1974, p. 230).

¹⁰ Na página do autor na *web*, a obra de Cony está localizada na seção “ensaios biográficos”. Diferente da página *web* oficial do escritor, na nota introdutória do volume, Cony esclarecerá, pontualmente, não tratar-se de uma biografia de Getúlio Vargas e sim, de “uma interpretação”. Expressa ele textualmente: “este livro não é nem pretende ser *uma* biografia de Getúlio Vargas: é apenas *uma* interpretação. Uma – e não a interpretação.” (CONY, 2004, p.9) – [grifo do autor]. Em minha tese de doutorado, demonstro como, ao longo da narrativa, abundam procedimentos romanescos.

Em Cony, pode-se pensar num Vargas assassinado e num Getúlio suicida? O suicídio do homem Getúlio, do qual trata o último capítulo da obra de Cony é resposta orgânica ao assassinato político Vargas, matéria do livro?

Conforme a *interpretação* de Cony, Vargas apresentava uma predisposição suicida (confirmada por seu *Diário*), uma vez que o presidente,

desde os dias iniciais da crise daquele mês de agosto sentia-se preparado para aquele momento. Ou melhor: desde a mocidade, desde os primeiros anos de sua vida decidira-se a vencer, com a vitória extrema, a hora extrema de uma decisão extrema. Tinha, a seu favor, um saldo que a História guardaria e que o povo, mais cedo ou mais tarde compreenderia e veneraria. O mais era a paixão do momento a paixão, a calúnia, ou simplesmente o desencanto de tudo. (2004, p. 231).

Se, para alguns, como sustentou o Ministro da Justiça Tancredo Neves (apud LIMA, 1986), a ideia do suicídio se firmara somente após a reunião ministerial¹¹, em Cony, observa-se o mesmo, embora, neste, o encontro com Bejo Vargas¹² funcione como o detonador de uma crise política aguda de um processo que tem um lento amadurecer, como são testemunhos alguns documentos históricos, como o *Diário*. Em Cony, a resolução pelo suicídio se instaura depois da segunda visita de Bejo ao quarto (este vem a contar ao irmão que a licença política do cargo de presidente fora recebida como definitiva pelas Forças Armadas, como uma renúncia, algo considerado desonroso para Getúlio, que afirmara somente deixar o Catete morto). A possibilidade da morte como resistência, e resposta honrosa ao ultraje, não deixava espaço para ações medíocres:

Sua opção era a morte ou a vitória. Desde cedo habituara-se a encarar a morte de forma ao mesmo tempo nobre e interesseira. Todo homem morre. É um gargalo que todos atravessam, no mais das vezes inutilmente, com um fatal acidente biológico. Para um homem de sua têmpera e formação, a morte deveria ser um fato consciente, uma busca de afirmação, um testamento. (CONY, 1974, p. 92)

¹¹ Quando Vargas afirma na reunião ministerial que responderia ao desrespeito institucional ao cargo de presidente com o seu próprio cadáver (CONY, 2004, p. 243), o narrador avalia o impacto do discurso do presidente: “a palavra cadáver foi soprada como as demais, sem qualquer emoção, sem qualquer vestígio de ameaça, mas também sem qualquer vacilação. Ninguém ficou estupefato nem desiludido com aquele breve discurso.” (CONY, 2004, p. 243). O controle e calma podem denotar familiaridade com a ideia já cimentada do suicídio ou, no mais, o domínio costumeiro das emoções da *Esfinge do Pampa*.

¹² Alzira e Bejo (estes duas vezes), além do barbeiro que é rechaçado, são as únicas pessoas que estarão com Vargas em seus aposentos antes deste se matar.

Se tanto as referências ao suicídio na escrita autor-referencial Varguista são antigas e, em termos documentais, remontam aos anos 30 (com as inscrições nos cadernos), a *interpretação* de Cony também não perde de vista a longa ação dos que buscavam “assassinar” Vargas. Tanto é assim que Cony desenvolve uma interpretação original do Atentado da Tonelero (para ele, Rubens Vaz era a vítima primeira e havia uma tocaia de atiradores agenciados pela CIA. Os Estados Unidos buscariam, assim, como fizeram em outros países latino-americanos, desarticular o governo nacionalista de Vargas, que tinha políticas soberanas com relação ao aço e petróleo¹³). É por isso que, às vésperas da hora final, o presidente pensa no conteúdo de uma carta que espia em seu cofre, recebida em 1950, “dias antes de tomar a decisão de se candidatar” (CONY, 2004, p. 245). Ele lembra o conteúdo de memória, em virtude do caráter intimador da mesma. Assim, nas primeiras horas da manhã de 24 de agosto de 1954,

seus olhos deram numa velha carta, dobrada em quatro: há muito não lia aquele papel, mas sempre sentia uma opressão quando pensava nele. Mentalmente recitou a frase que aquela carta continha e que às vezes o fazia sofrer: *os liberticidas serão sacrificados, o senhor escapou da primeira vez, não escapará da segunda. Há sempre um Brutus ao lado de um César.* (CONY, 2004, p. 245) [grifo do autor].

Animado pelas reflexões da carta, especialmente o termo *liberticida*, que evoca o abuso de poder e a destruição das liberdades civis de uma ditadura, Vargas reflete que a “comparação com César, se lhe era incômoda no plano pessoal, tinha um sabor de lisonja no plano da grande História. Não se julgava um César, mas a possibilidade de um Brutus era evidente: estava cercado de punhais por todos os lados.” (CONY, 2004, p. 245).

Cony, sem inventar um personagem assassino como fizera Jô Soares, vai muito além deste autor no tocante ao significado político de um suicídio que fora induzido por forças exteriores. A morte política de Vargas, para o autor, teria adiado o golpe militar no Brasil em 10 anos.

¹³ Cony inicia sua *interpretação* com um prólogo ficcional onde as personagens, agentes de uma multinacional que avaliavam a estabilidade para investimentos no país, afirmam: “– o aço já o depôs, em 1945. Falta o petróleo.” (CONY, 1974, p. 21). A crise, conforme interpretação de Cony, é “crônica” e “o acompanhava desde o dia da posse.” (CONY, 1974, p. 154). O próprio Vargas tinha consciência dos interesses que contrariava, segundo seu narrador, afinal ele “sabia que aço e petróleo – sangue e ossos de uma nação moderna – derrubam presidentes.” (CONY, 1974, p. 154).

4. O dia em que Getúlio matou Allende

Em finais de julho de 2011, divulgava-se, nos jornais chilenos, o resultado da perícia que, passados 38 anos da morte de Salvador Allende, viera a confirmar a versão oficial do suicídio do presidente chileno no palácio de *La Moneda*, sob o ataque das forças golpistas lideradas pelo general Augusto Pinochet, em 11 de setembro de 1973. A causa de sua morte foi uma “lesão perfurante da cabeça por projétil de arma de fogo de alta velocidade a contato” (EMOL, 2011). O suicídio de Allende, tal como o de Vargas, é precedido por uma mensagem¹⁴ ao povo de seu país, convocando à resistência ao mesmo tempo em que denuncia as forças imperialistas que atacavam o palácio de governo.

Durkheim em seu estudo sobre o suicídio afirma que “um ato não pode ser definido pelo fim perseguido pelo agente, pois um mesmo sistema de movimentos, sem alterar sua natureza, pode se ajustar a muitos fins diferentes.” (2000, p.13). No contexto desta afirmação, a renúncia à vida pode dar-se como resistência, e o próprio suicídio pode fazer outras vítimas ao inspirar o exemplo. “– *Me impresionó lo del suicídio*. Não me sai da cabeça a história de Vargas!”, teria dito o senador chileno ao saber da morte do presidente suicídio pelo jovem estudante na Xangai de setembro de 1954 (TAVARES, 2004, p. 27) [grifo do autor]¹⁵. O futuro presidente do Chile, ao conhecer a história do suicídio e o caráter da carta-testamento de Vargas, buscava conhecer o presidente brasileiro, cuja carta-testamento, segundo

¹⁴ A última elocução proferida por Salvador Allende deu-se por rádio e se parece, em inúmeros aspectos, à carta-testamento de Getúlio Vargas. Profere Salvador Allende, na manhã de 11 de setembro: “estas são minhas palavras e tenho certeza de que meu sacrifício não será em vão. Tenho a certeza de que, pelo menos, haverá uma lição moral que castigará a felonía, a covardia e a traição” (ALLENDE, 2003). Outro ponto de parença é quando o presidente evoca a história em nome da justiça e verdade dos atos semeados pelo fascismo, termo pelo qual o presidente se refere às forças de desestabilização estrangeiras que vinham, segundo sua denúncia, sabotando o seu governo socialista e nacionalista. Para Allende, a história julgaria esses homens. O início do discurso, ao contextualizar o bombardeio das torres de rádio, é prenuncio da tragédia iminente: “seguramente esta é a última oportunidade em que posso me dirigir a vocês”. (ALLENDE, 2003).

¹⁵ Flávio Tavares, quando presidente da UNE (União Nacional de Estudantes), estava num programa oficial do governo comunista chinês e, nessa circunstância, conhecera o então senador chileno Salvador Allende. Fora através dos jornais comunistas da China e da União Soviética que souberam no trágico ocorrido no Brasil.

informada por jornais de países então comunistas, parecia inflamada. O estudante brasileiro “estava literalmente surpreso e desconfiava desses detalhes da carta de despedida, que soavam como ‘inflados’ pelos soviéticos” (TAVARES, 2004, p. 24). Nestes jornais, se lia que

Getúlio deixara uma carta-testamento na qual acusava o imperialismo de boicotar seu governo e se queixava da voracidade do capital internacional. De longe ou de perto, isso soava pouco verossímil. Então Getúlio era antiimperialista e anticapitalista, e nós, os antiimperialistas e críticos do capitalismo não sabíamos? (TAVARES, 2004, p. 24).

A obra de Flávio Tavares¹⁶, compêndio de pequenas novelas cujo título faz referência a dois personagens que renderam ao autor duas novelas do seu *O dia em que Getúlio matou Allende (e outras novelas do poder)*, reúne reflexões do jornalista desde quando era líder estudantil, ocasião na qual conhecera o senador chileno na Xangai de setembro de 1954, quando recebera a notícia da morte de Getúlio Vargas. Através dos fios narrativos que buscam entender o que é o poder, o jornalista parte da hipótese de que o suicídio como resistência honrosa, caso de Getúlio Vargas, tenha impressionado Salvador Allende, fornecendo, dessa maneira, o exemplo para o ato cometido pelo chileno em 1973. Getúlio e Allende seriam, na interpretação de Tavares (2004), figuras do poder que morrem pelo poder. No caso de Getúlio, ele se matou “pelo jogo do poder e por tudo poder, num gesto político, no exercício de sua inteireza de líder, acima inclusive do cidadão comum” (TAVARES, 2004, p. 24).

A morte como resistência de Salvador Allende e de Getúlio Vargas permite refletir se somente “se mata verdadeiramente quem quer se matar” (DURKHEIM, p.12), uma vez que tanto o tiro perpetrado por Salvador Allende como por Getúlio Vargas visou algo mais do que a morte, buscando insuflar seus nomes como faróis de luta e resistência frente a ações golpistas.

A foto de Allende resistindo ao ataque: vestimenta civil, capacete e fuzil em mãos, conecta o gesto de resistência de 1973 com o evento vivenciado em

¹⁶ Jornalista gaúcho nascido em 1934, aos 20 anos, foi eleito presidente da União Nacional de Estudantes, a UNE. Flávio Tavares, desde a época de estudante, e, mais tarde, como jornalista, desfrutou da convivência de personalidades do campo das artes e da política, o que lhe rendeu o mote para o livro cujo tema principal é a relação de personalidades com o poder.

1954 na China, onde os olhos do presidente oficialmente dado por suicida, “tinham o mesmo brilho inquieto e extravagante dos olhos com que ele me fitou, 19 anos antes, no hotel Pequim, quando eu lhe contei do suicídio de Getúlio Vargas.” (TAVARES, 2004, p. 24).

A despeito do detalhe sintomático do olhar do suicida chileno, alçado à condição de documento histórico, cuja fonte é o próprio autor, não há dados verificáveis que possam validar documentalmente a hipótese do suicídio de Allende, sustentada pela convicção alicerçada por uma reminiscência do olhar em Tavares:

mais do que tudo, porém, aquele brilho nos olhos na manhã de setembro de 1954 no hotel em Pequim, **quando o suicídio de Getúlio Vargas deu-lhe o sentido de que só o sacrifício eterniza o poder**, é o que – até hoje – me dá a certeza interior de que Salvador Allende disparou contra si mesmo. Na manhã de 11 de setembro de 1973, seus olhos tinham o mesmo brilho de expectativa e de volúpia pelo desafio. O desafio de que cada qual desenha e executa o próprio destino. (TAVARES, 2004, p.30). [grifo nosso]

O encontro com Allende forneceu a convicção ao intérprete para não duvidar da versão oficial difundida pelos golpistas. Seria normal e crível que se duvidasse do suicídio de Allende, mas não para o autor:

nunca pus em dúvida a versão oficial do suicídio, difundida pelos golpistas. Mesmo quando, anos mais tarde, começou a tomar força a possibilidade do assassinato, foi-me impossível admitir que Allende se expusesse a ser morto pelo capitãozinho que comandou a invasão do palácio presidencial. Ser varado pelas balas de um militar de terceira, que recebera a ordem de assaltar a sede do poder, seria humilhante, não estava à altura de Allende. Alguém como ele não se deixaria matar pelo invasor, que lhe usurpara o poder unicamente por ser mais afeito às armas e ter pontaria mais precisa. Um romântico como ele jamais se entregaria. Nem jamais reconheceria, em vida, que fora derrotado. Só o suicídio poderia salvá-lo. Só o suicídio, no bojo da resistência, o fazia vitorioso no topo da derrota. (TAVARES, 2004, p. 29).

Afirma o narrador, que se confunde com o autor, sobre a recepção do suicídio de Allende: “pensativo, mas franco, confessou-me que estava descobrindo Getúlio Vargas naquele momento, [quando ouvia sobre as explicações do estudante brasileiro sobre os motivos pelos quais Vargas não enfrentara os seus acusadores] [...] Pela morte de Vargas ele descobria a vida

de Vargas” (TAVARES, 2004, p. 27). Ao mesmo tempo, o brasileiro vem a saber, através de Allende, que também o Chile tinha um presidente suicida, José Manuel Balmaceda, que se matou no século XIX no dia em que completaria o mandato do qual fora deposto. (TAVARES, 2004, p. 25).

5. Considerações finais:

O diálogo comparado de três obras de caráter literário, mas que tratam de um personagem histórico, permite observar como o suicídio do presidente Vargas será uma fronteira facilmente transposta para uma interpretação causal homicida no campo ficcional. Se, conforme Durkheim, ao se abordar o suicídio, inexistente uma possibilidade de “saber qual o móbil que determinou o agente e se, quando tomou sua resolução, era a própria morte que ele queria ou se tinha algum outro objetivo?” (2000, p.12), o que impossibilita à Sociologia buscar as causas íntimas para este fenômeno cuja “intenção é algo muito íntimo para poder ser apreendida de fora, a não ser por aproximações grosseiras” (DURKHEIM, 2000, p.12), o mesmo não acontece na literatura. Se o sociólogo francês exclui do campo analítico da Sociologia as causas do suicídio, elas figuram com intensidade no terreno literário, fértil para as verdades íntimas do sujeito. As recriações da morte de Getúlio Vargas em Jô Soares, Carlos Heitor Cony e Flávio Tavares mostram como as liberdades ficcionais, como a de tornar Getúlio o assassino do presidente chileno Salvador Allende; logram perscrutar dimensões simbólicas que desestabilizam rígidas fronteiras para a personagem Getúlio Vargas, perspectivada como suicida, assassino e assassinado.

Em Flávio Tavares, o “poder o matara” (TAVARES, 2004, p.25). Na “interpretação” de Carlos Heitor Cony, por sua vez, há o assassino político que impusera o suicídio como único gesto possível que coube ao homem Getúlio perpetrar, em coerência com seus valores. Jô Soares, por sua vez, sem desenvolver de maneira explícita uma interpretação política, concebe uma trama de humor que ajuda também a desestabilizar as interpretações correntes daquele trágico 24 de agosto de 1954.

Referências:

ALLENDE, Salvador. **Último discurso de Salvador Allende em Radio Magallanes**. Disponível em:

<<http://www.ciudadseva.com/textos/otros/ultimodi.htm>>. Acesso em 15 de Nov.2011.

CONY, Carlos Heitor. **Quem matou Vargas**. Rio de Janeiro: 1974.

_____. **Quem matou Vargas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

D'ARAUJO, Maria Celina. Getúlio Vargas, cartas-testamento como testemunhos do poder. In: GOMES, Angela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 515p.

EMOL. **SML confirma versão oficial: Ex Presidente Salvador Allende se suicidó**. Disponível em:

<http://www.emol.com/noticias/nacional/2011/07/19/493382/sml-confirma-version-oficial-ex-presidente-salvador-allende-se-suicido.html> Acesso em: 21 nov. 2011

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Valentina da Rosa. **Getúlio: uma história oral**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

Página Web Carlos Heitor Cony. Disponível em:

<<http://www.carlosheitorcony.com.br/>>. Acesso em 22 jan. 2010.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e políticas das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia e vice-versa. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio (orgs.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1993.

Página Web Carlos Heitor Cony. Disponível em:

<<http://www.carlosheitorcony.com.br/>>. Acesso em 10 jan. 2012. SILVA, Hélio. **1954: um tiro no coração**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SILVA, Juremir Machado da. O personagem Getúlio Vargas. In: AXT, Gunter et al. (orgs.). **Da vida para a História: reflexões sobre a era Vargas**. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público, 2005.

_____. **Getúlio**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SOARES, Jô. **O homem que matou Getúlio Vargas**: biografia de um anarquista. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TAVARES, Flávio. **O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2004.

VARGAS, Getúlio. **Diário**. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995. 2 v.

_____. **Carta testamento**. 1954. Disponível em:
<http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/as_duas_cartas_de_getulio_vargas.html> Acesso em: 1 nov. 2009.

VERDUGO, Patricia. **Chile, 1973: como os EUA derrubaram Allende**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.